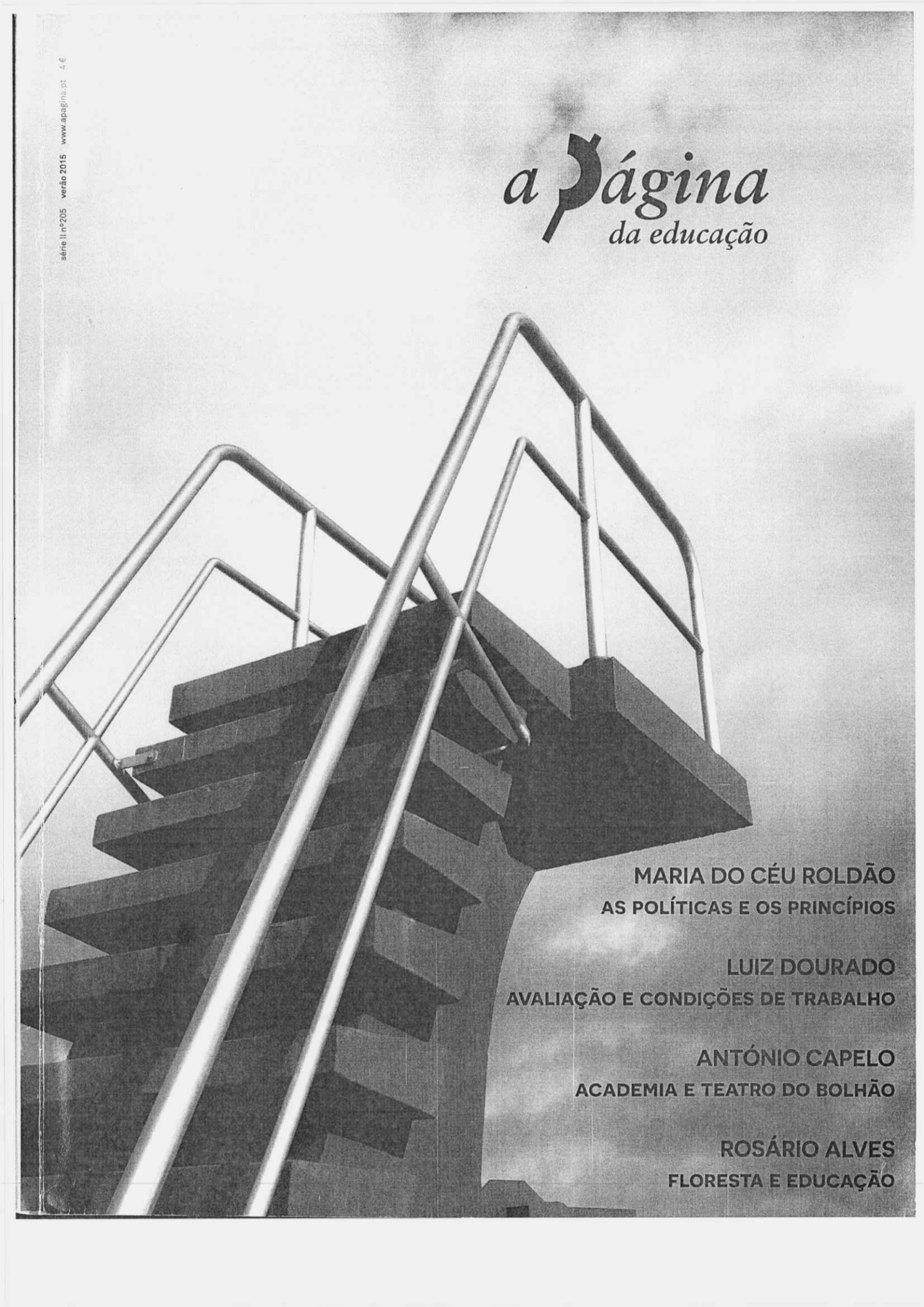


a *Página* da educação



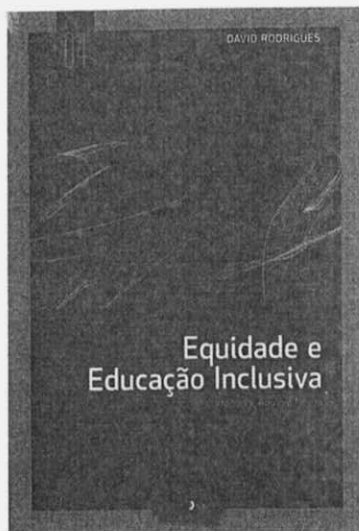
MARIA DO CÉU ROLDÃO
AS POLÍTICAS E OS PRINCÍPIOS

LUIZ DOURADO
AVALIAÇÃO E CONDIÇÕES DE TRABALHO

ANTÓNIO CAPELO
ACADEMIA E TEATRO DO BOLHÃO

ROSÁRIO ALVES
FLORESTA E EDUCAÇÃO

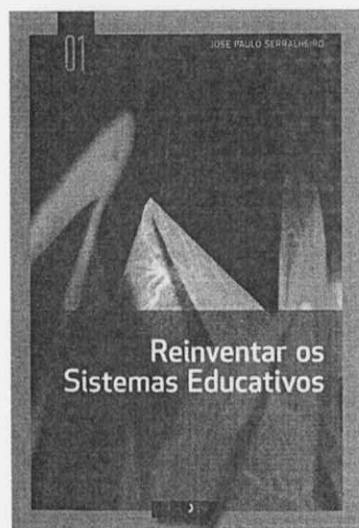
NOS 20 ANOS DA PÁGINA
UMA NOVA COLEÇÃO



Uma aguda, oportuna e desafiadora visão das realidades educativas pelo prisma de quem abraçou a causa da qualidade da Educação para todos há dezenas de anos. Com este livro, David Rodrigues não procura criar consensos, mas, sobretudo, suscitar debates e energias de participação num sempre necessário debate sobre a Educação.



Além da pertinência das análises, assume aqui particular evidência a articulação eficaz entre temas de política educacional, desenvolvidos no âmbito da produção académica, e preocupações emergentes dos contextos de ação, dando origem a um discurso lógico, ainda que marcado pelo vivido. Nesta continuidade entre investigação, docência e vida, Almerindo Jane-la Afonso oferece-nos belíssimas páginas de esperança, de responsabilidade e de liberdade.




Um livro de leitura obrigatória para todos os educadores e professores, pedagogos e investigadores, pais e encarregados de educação, bem como para políticos e cidadãos, já que percorre vários andamentos da nossa história contemporânea, analisados por José Paulo Serralheiro, entre fevereiro de 1992 e abril de 2002, nas páginas d'a *Página da Educação*.



Com um título particularmente sugestivo e interpelante, Miguel Santos Guerra recorda que não há outra forma de viver a “apasionante questão da cidadania”, senão através de um compromisso quotidiano com a prática da democracia enquanto escola de liberdade – liberdade teimosamente perseverante na defesa da convivência solidária, da justiça e da paz social.

Coleção a Página

DISPONÍVEL NAS LIVRARIAS E NA PROFEDIÇÕES
Rua D. Manuel II, 51/C - sala 25 - 4050-345 Porto
www.profedicoes.pt



EDUCAÇÃO PROIBIDA E PEDAGOGIAS DA TRANSFORMAÇÃO



Esta reflexão resulta da interpretação do documentário “A Educação Proibida”, que questiona a escolarização moderna e propõe um novo modelo educativo, e do diálogo realizado com estudantes do mestrado em *Mediação Intercultural e Intervenção Social* do Instituto Politécnico de Leiria.

Produzido por Verónica Guzzo e realizado por Germán Doin, o documentário (2012) começa por referir a alegoria da caverna, mostrando como o ser humano vive aprisionado em ideias e crenças que lhe são transmitidas sem questionamento e que acabam por ser interiorizadas como verdades absolutas, condicionando todo o seu pensar futuro.

Na caverna, os prisioneiros representam as ideias pré-concebidas, interiorizadas sem serem questionadas, tornando-os imóveis e passivos porque consideram incontestáveis as crenças dominantes. É por isso que se acomodam ao lugar e cultura originais. Para transformar este pensamento, há que questionar de onde vêm as “sombrias”, o desconhecido, para se disponibilizar para a partida para novos mundos e novas formas de pensar, sem dependência nem aprisionamentos.

É feita uma crítica à Escola e à forma como está estruturada e programada para o ensino. O título remete para uma educação onde o professor é o ator principal, que num monólogo despeja informação para os alunos vistos como um público que recebe conhecimento pré-fabricado, ordenado, condicionado de forma passiva e monótona, o que provoca desinteresse e obriga a decorar sem entendimento, compreensão e motivação. Esta Escola descursa o prazer de aprender, o prazer da procura, da descoberta, limitando-se a seguir um caminho já traçado, sem pedir opinião aos interessados. Portanto, educação proibida, na medida em que, como crianças, adultos, pais, educadores e sociedade, não ousamos questionar esse caminho que foi escolhido; permitimos que façam escolhas por nós e nos mantenham dependentes de opções que não fizemos, de modelos que não desejamos, mas que, por medo ou falta de reflexividade, vamos seguindo como uma pauta musical inquestionável e sem espaço para a improvisação e criatividade.

Trajetos em vez de metas. Apesar de haver muitos exemplos de que a escola formal pode ser reinventada, a verdade é que, na prática, a educação acaba por ser proibida por todos e para todos. A Escola não ensina a enfrentar as dificuldades. Fala de educação, progresso, democracia, liberdade e de um mundo melhor, mas muito pouco disso acontece na Escola.

As metodologias da Escola moderna conduzem a um afastamento das pessoas e não à convivência e cooperação. Con-

*Esta Escola descursa o prazer
de aprender, o prazer da
procura e da descoberta,
limitando-se a seguir um
caminho já traçado, sem pedir
opinião aos interessados.*

duzem à competição, tantas vezes realizada por razões de escasso valor. Os alunos continuam com reduzida voz e escassa opinião sobre a Escola e a sociedade em geral.

Algumas experiências alternativas têm rompido com este tipo de escola, uniforme e debilitadora, e têm arriscado novas pedagogias, atrevido-se a transformar as estruturas mais escolásticas, ainda que assumindo, mesmo assim, uma lógica de escola formal. Procura-se, nesta via, a reinvenção da Escola para uma educação mais ativa, popular, libertadora, cooperativa, livre, democrática e holística, adequada às culturas e etnias do mundo contemporâneo.

Essas alternativas – conhecidas, pelo menos, desde a proposta de Ivan Illich, de uma sociedade sem escolas – procuram pensar a aprendizagem como um crescimento e desenvolvimento contínuo, onde a troca entre os indivíduos e os seus pares, o meio e as comunidades, são uma constante que tornam a educação mais viva. É por isso que afirmamos que não há um único modelo educativo, muito menos um único modelo escolar. A verdadeira diversidade pedagógica, social e cultural existe quando se respeita e experimenta a diversidade em todas as suas dimensões.

É com trabalho conjunto e diverso que se pode augurar uma nova visão e um novo paradigma, construídos colaborativamente e não impostos de cima para baixo, ao ritmo e gosto dos políticos que nos governam. De contrário, a educação está proibida por todos e para todos. É preciso apostar em processos, e não apenas em produtos, em trajetos, e não apenas em metas, para podermos encontrar outras formas de organizar e viver a Escola, o ensino e a aprendizagem.

Ana Vieira
Ricardo Vieira